



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

SINAL: A FLAUTA DOS GALIBI MARWORNO

Oscar Miranda da Paixão

Francinete Figueiredo da Silva


Eraldo Pacheco da Silva
Assistente em Administração
SIAPE: 2170007 - UNIFAP

Recebido em
02/08/16
CIL

Terra indígena Uacá, julho de 2015



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

SINAL: A FLAUTA DOS GALIBI MARWORNO

Oscar Miranda da Paixão
Oscar Miranda da Paixão
Francinete Figueiredo da Silva
Francinete Figueiredo da Silva

Terra indígena Uacá, julho de 2015

Oscar Miranda da Paixão
Francinete Figueiredo da Silva

SINAL: A FLAUTA DOS GALIBI MARWORNO

Monografia de conclusão de curso apresentado ao curso licenciatura intercultural indígena, como requisito para obtenção do título de licenciatura – habilitação em ciências humanas, pela UNIFAP.

Orientadora: Ms. Mary Gonçalves Fonseca

Terra Indígena Uacá, julho de 2015

TERMO DE APROVAÇÃO

Oscar Miranda da Paixão

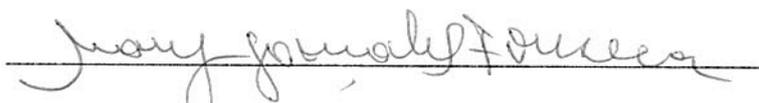
Francinete Figueiredo da Silva

SINAL: A FLAUTA DOS GALIBI MARWORNO

Trabalho submetido à defesa pública como parte dos requisitos necessários à obtenção de título de graduação em Licenciatura Intercultural indígena, área Ciências Humanas.

Aprovados em ___/___/2015

Banca Examinadora



Prof^a. Ms. Mary Gonçalves Fonseca

Prof. Dr^a. Gelsama Mara F. Santos

Prof^a. Esp. Evilânia Bento da Cunha

Convidado de Honra

Manoel Francisco Narciso

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecemos a Deus, depois às nossas famílias, povo *Galibi Marworno*, às pessoas da nossa comunidade, nossos colaboradores que passaram e contribuíram com informações importantes para nós. A todos os professores com os quais tivemos oportunidades de estudar e à professora Mary Gonçalves Fonseca como orientadora. Agradecemos também ao Museu Kuahi na pessoa de Davi Felisberto dos Santos.

RESUMO

Sinal é um instrumento musical indígena, de sopro, usado nas manifestações culturais como na dança do turé e era usado para encantar mulheres para namorar e também para se comunicar com pessoas. Nossa pesquisa sobre *Sinal* foi observar, buscar, analisar e refletir nas informações dadas, sobre o seu significado na educação do nosso povo Galibi Marworno, na Aldeia Kumarumã. As originalidades artísticas, a cultura, costumes, tradições, crenças e a língua falada durante o ritual do sinal, sobre a política, a economia e vida social na aldeia.

Escolhemos a etnografia como método da pesquisa e interpretamos de acordo com os pensamentos dos autores Gersen L. dos Santos Baniwa, Carlos Rodrigues Brandão, Dominique Gallois e dos sabedores da nossa comunidade, para entender, porque as flautas não estão sendo mais ouvidas na aldeia. Com isso, tivemos bases para nos direcionarmos nas perguntas, então nos apresentamos na aldeia de *Kumarumã*, depois fizemos análises sobre a importância do sinal dentro da aldeia. Vimos que o *sinal* é um instrumento musical muito importante para o ensino aprendido da cultura material e imaterial na educação tradicional.

Concluimos a partir do que os sabedores falaram que o *sinal* não é ouvido e nem visto, devido à influência de outras culturas etnocêntricas, religiões evangélicas – protestantes, e o contato com outras tecnologias não indígenas.

Palavras-chaves: Cultura. *Sinal*. Educação indígena

Hesum

Sinal a fehamnet dji misik gade, sase, analizeh, kakile lafohmasiō dji no pov Galibi Marworno, la no kote . Sa bagaj-iela dji no metxe, thadisiō, khēs e no Lang ki no ka koze lādā sa mozmā-la dji dāse piai, politxik i ekōnomī i lavi sosial dji no kote.

No xueji etxinoghafi pu ximēdji no peskiz i no pāse asam ke majinasiō dji auto-iela, Gersem dos Santos Baniwa, Carlos Rodrigues Brandão, Dominique Gallois i dji konetmā-iela, pu no kōphan, pu kisa mum paka tāde sa sinal-iela āko. Ke sa no gāiē um djiheksiō pu dumāde, ēbe no phuezāte la no kote dji Kumarumā, aphue no fe majinasiō, lasu ipohtā dji sinal-la lādā no kote. No ue ki sinal-la a un bagaj pu sufle i xāte ki boku īpohtā pu no mōthe i āphan dji no thadjisiō matehial i imatehial lādā edukasiō ēdjiē.

Ke sa no fini ke konet-mā ki mun-iela kose lasu sinal, no tāde i no ue, kumā sa matehial - iela dji metxe etxinosēthik , ke uot heligiō i kōtat ke uót teknologi.

Palavras-chaves: Cultura. Sinal. Edukasiō ēdjiē

Sumário	
Introdução	08
<i>Capítulo I</i>	
<i>Ēdjiē Maraone e Aruã</i>	10
Kumasmã dji lahivie Uasá- origem do rio Uaçá	12
<i>Koŕe dji Kumahumã</i>	14
Mãie dji viv: Modo de vida	16
Família extensa	17
<i>Capitulo II</i>	
<i>Xime dji no thavai: sinal – caminho do nosso trabalho</i>	19
<i>No pãse</i>	20
<i>Capítulo III</i>	
No ka ãpham Fe sinal :aprendemos fazer a flauta	22
<i>Sinal - as flautas e a cosmologia galibi Marworno</i>	23
<i>Pahauvê, tuhaka e pahaihucu: sons do sinal</i>	26
Regras de flautas	29
Relatório de campo: porque as flautas não estão sendo mais ouvidas na aldeia?	32
Considerações finais	43
Referências	45
Anexos	46

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo pesquisar e analisar *sináflauta* dos *Galibi Marworno* pensando no futuro das manifestações artísticas do nosso povo. Observamos que um instrumento musical que não está sendo valorizado pelas novas gerações. Por isso, escolhemos a flauta para entender porque não está sendo mais ouvida, vista e usada na comunidade, porque representa o nosso conhecimento um profundo saber dos nossos antepassados e que está sendo esquecido pelas novas gerações da etnia *Galibi Marworno*, isso traz a importância da valorização do patrimônio material e imaterial histórico do povo, de acordo com nossas tradições, culturais, costumes e crenças, buscando fortalecimento e revitalização de não esquecer totalmente por isso precisamos, aprender, praticar, documentar e divulgar como é importante ter uma cultura viva de um povo.

Antigamente a flauta era muito utilizada pelo povo *Galibi Marworno* na dança do turé envolvendo homens e mulheres que participam na dança do turé usando a flauta. Era liberado para todo participante respeitando a regra do pajé que era uma única festa que tinha. Hoje, quando os antigos contam ficam emocionados que essa festa era uma diversão para eles antes, era muito importante a flauta na dança do turé que representa na dança, tipo viola para acompanhar um som da música do pajé. Após a festa da dança, os participantes guardavam a flauta ou deixavam para o pajé para próxima dança.

Se nós acadêmicos e professores indígenas não praticarmos, registrarmos, documentarmos e divulgarmos em livros, vídeos até mesmo na sala de aula e na aldeia, isso vai esquecendo até chegar um momento em que as crianças vão nascer, crescer e não saber as suas histórias e artes, porque ele está neste local que não acontece a repetição dessas histórias. Nos dias de hoje precisamos fazer esse estudo e levantamento para que sirva como fonte de pesquisa na sala de aula e assim defender nossos costumes, crenças, tradições e artes.

A maneira como os antepassados confeccionavam, hoje, encontra presente em algumas pessoas que estão fazendo tecelagem como paneiro, peneira, cestaria e chapéu de pena tanto para artesanato como para uso diário nos afazeres domésticos, *jamaxi*, arco e flecha. Mas observamos que a flauta não esta sendo mais vista, confeccionada e usada dentro da comunidade, mas ainda tem os artistas e tocadores do *sinal*, hoje tem sabedores, mas não são valorizados pelas novas gerações, pelo domínio de outras culturas.

Assim que esta acontecendo com o *sinal* que está desaparecendo das memórias que são lembranças organizadas numa lógica subjetiva que podem ser individuais ou coletivas. As memórias tradicionais sempre são capazes de agregar informações novas, como afirma Gersen L. Santos Baniwa ;

Cada cultura tem forma própria de organizar, produzir, transmitir e aplicar conhecimento. E a cosmologia que estabelece os princípios norteadores e os pressupostos básicos da organização social, política, econômica e religiosa (p.170).

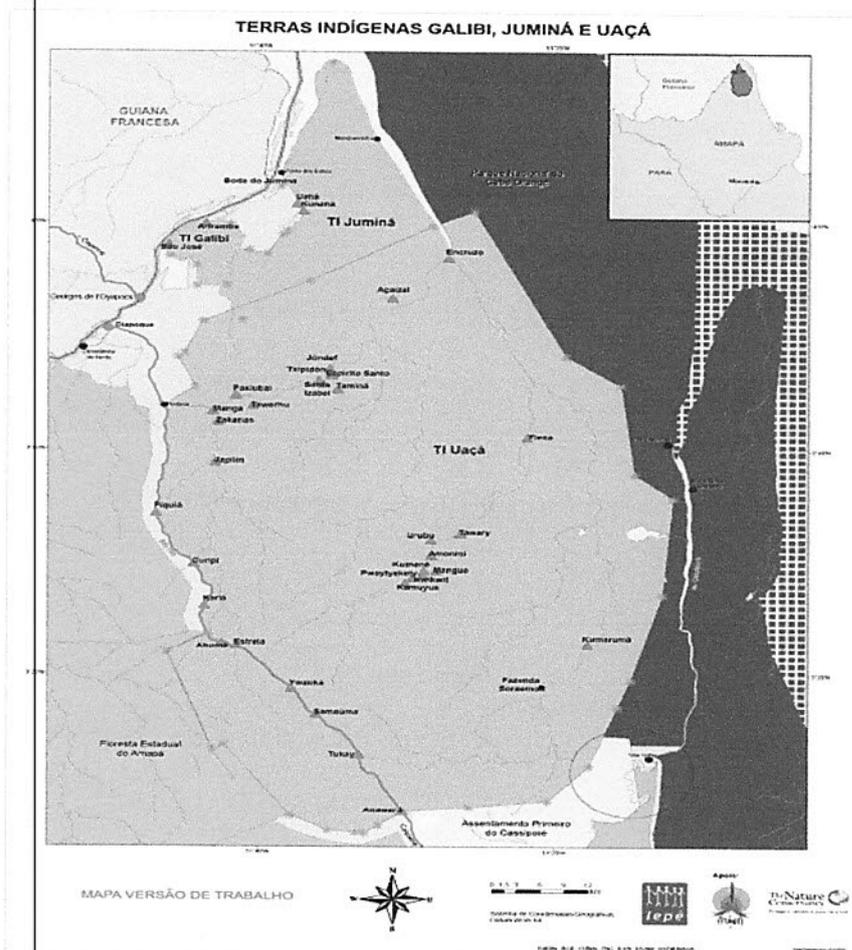
Para entender porque a flauta não é usada entre nós, usamos o caminho da etnografia para descrever e interpretar, relacionar a cultura e o que representa a flauta do povo Galibi Marworno na educação tradicional. Assim registramos no caderno de campo, fazendo relatórios tudo que, ouvimos, gravamos, transcrevemos, fotografamos, conversamos, perguntamos, observamos e brincamos. Entrevistamos oito pessoas da comunidade e pesquisamos no acervo do museu *Kuahi*, para termos objetivo e uma conclusão certa do que queremos de acordo com as informações procuradas dentro da realidade cultural e dos saberes tradicionais e de nossa cosmologia. Para conhecer sobre a flauta buscamos os mais idosos que nós respeitamos por serem pessoas sábias para os professores e acadêmicos indígenas uma biblioteca.

CAPITULO I

Ēdjiē Maraone e Aruã¹

Nosso povo *Galibi Marworno* vive nas Terras Indígenas *Uaçá* e *Juminã*, localizadas no município de Oiapoque, extremo norte do estado do Amapá, Brasil, a primeira na margem esquerda do médio rio *Uaçá* e a segunda onde o Rio Oiapoque deságua no oceano. Pode-se ter acesso às aldeias partindo de Oiapoque, de barco ou avião.

Mapa das terras indígenas Galibi², Juminã, e Uaçá



Fonte. IEPE

¹ Índios Galibi Marworno

² Algumas famílias Galibi Marworno vivem na Terra Indígena Juminã e dos Galibi Kalinã.

Nosso povo encontrou e se juntou a partir de remanescentes de várias etnias, principalmente *Maraone* e *Aruã*. Conforme registros históricos, os *Maraone* são citados por viajantes da região do Oiapoque desde o século XVII, e os *Aruã* vieram da ilha de Marajó que migravam no século XVIII em fuga das perseguições dos portugueses, holandeses, ingleses, espanhóis e franceses (Lux Vidal, 2001), (Antonella Tassinari, 2001). As perseguições de caça e escravos ficaram na memória do grupo, sendo hoje contada em termos míticos.

Os *Maraone* e *Aruã*, bem como Itoutantes, Galibis e outros passaram pela experiência das missões jesuíticas no século XVIII e pela exploração de comerciantes, captura de escravos, escambo no século XIX (TASSINARI, 2001).

Os Galibi Marworno se estabeleceram no rio Uaçá reconstruiu seu modo de vida e organização social. Divididos em grupos que ocupavam as ilhas de campos alagados do Alto Uaçá. Os laços foram estreitados nas festas como o turé ou da santa padroeira que reunia todos os moradores das ilhas. E nas festas se ouvia os sons da flauta que em kheuol significa *sinál*.

Sinál é feita de uma matéria prima encontrada na mata na localidade chamada *sinál*, recebeu este nome, pelo fato de ter muita a vegetação neste lugar, que fica bem distante da aldeia, é especificamente para confeccionar a flauta. É retirada no período da dança do turé, mês de outubro tempo do verão.

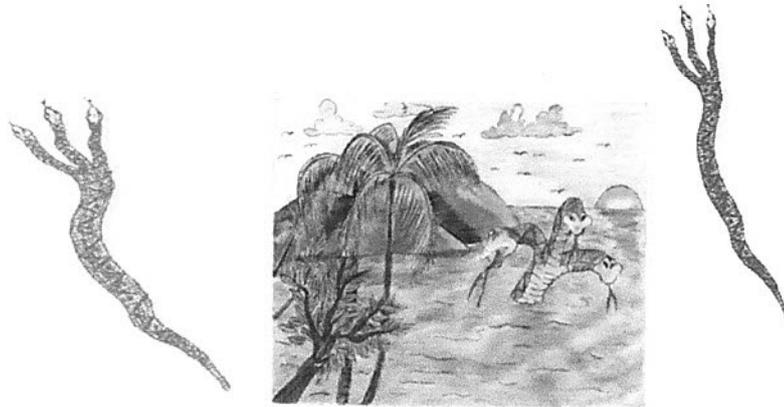
O mito do rio *Uaçá* explica como surgiu esse rio que leva os indígenas *Galibi Marworno*, até onde encontra o lugar do *sinál*. Ouvimos o indígena Felizardo dos Santos, contar sobre o surgimento do rio Uaçá, gravado e transcrito pelo Davi Felisberto dos Santos. Depois ilustramos para uma atividade do curso de licenciatura intercultural, com os colegas indígenas: Mauricio Nunes Galibi, Carlos Malaquias e Davi Felisberto.

Kumasmã dji lahivie Uasá: origem do rio Uaçá³

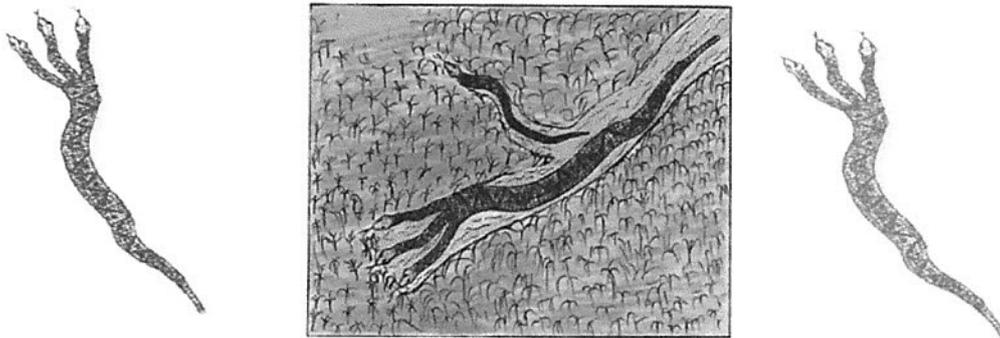
Há milhares de anos não existia o rio Uaçá, era tudo mata. Naquele tempo existia uma grande cobra de três cabeças chamada Uaçá, que vivia só no mar, era muito gordo e tinham dois filhotes na barriga. Segundo os nossos antepassados Galibi-Marworno, naquele tempo os animais eram de tamanho muito grande. Certo dia a cobra resolveu entrar na mata, entrou próximo a ponto do mosquito, foi embora para dentro da mata e por onde ela passava, transforma-se em rio; chegando onde é o Encruzo, teve que parar, pois naquele momento iam nascer seus filhotes. Nasceu então um filhote e não demorou muito tempo, foi embora da mãe seguido o por-do-sol. O caminho deste filhote também se transformou em rio, que hoje é conhecido como Rio Kuripi. A cobra mãe diminuiu de tamanho e também foi embora, seguindo outro rumo. Ao chegar onde é a boca do Urucauá, nasceu outro filhote que também foi embora seguindo o mesmo rumo que o irmão, pôr-do-sol. Atualmente é chamado de Rio Urucauá. A cobra Uaçá ficou muito magra, mas mesmo assim continuou sua caminhada. No meio do caminho, todo tipo de animal que ela encontrava, comia e com isso ela ia engordando de novo. Passando pela montanha Tipoca, já estava um pouco gorda, até chegar à aldeia Kumarumã. Estava bem gorda e mesmo continuou andando sem destino algum. Depois de algum tempo caminhando e comendo, essa cobra ficou doente. Ela não conseguia comer nada, com isso ela começou a emagrecer de novo. Mas Uaçá era uma cobra que não gostava de ficar parada. Mesmo doente continuou andando por muitos anos, até não conseguir andar, nem se mexer. Daí em diante a cobra não se moveu nem um pouco e morreu. (IEPE, 2009)

³ Esse mito foi contado pelo Felizardo dos Santos na aldeia Kumarumã e foi publicado pelo IEPÉ 2009

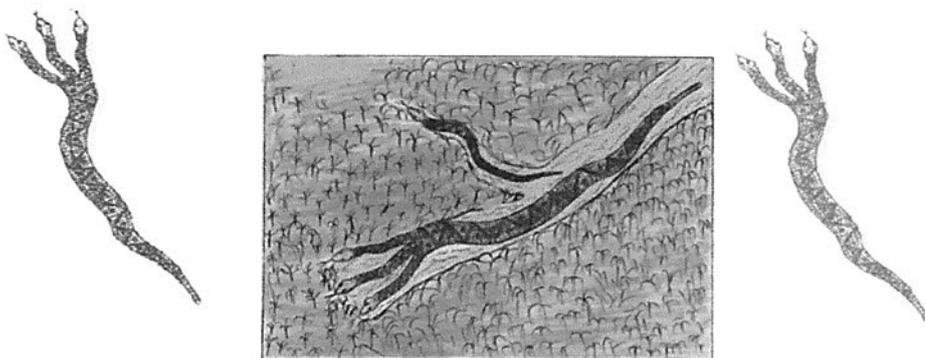
O nascimento do primeiro filhote da Cobra Uaçá



Origem do rio Kuripi



O nascimento do segundo filhote da Cobra Uaçá



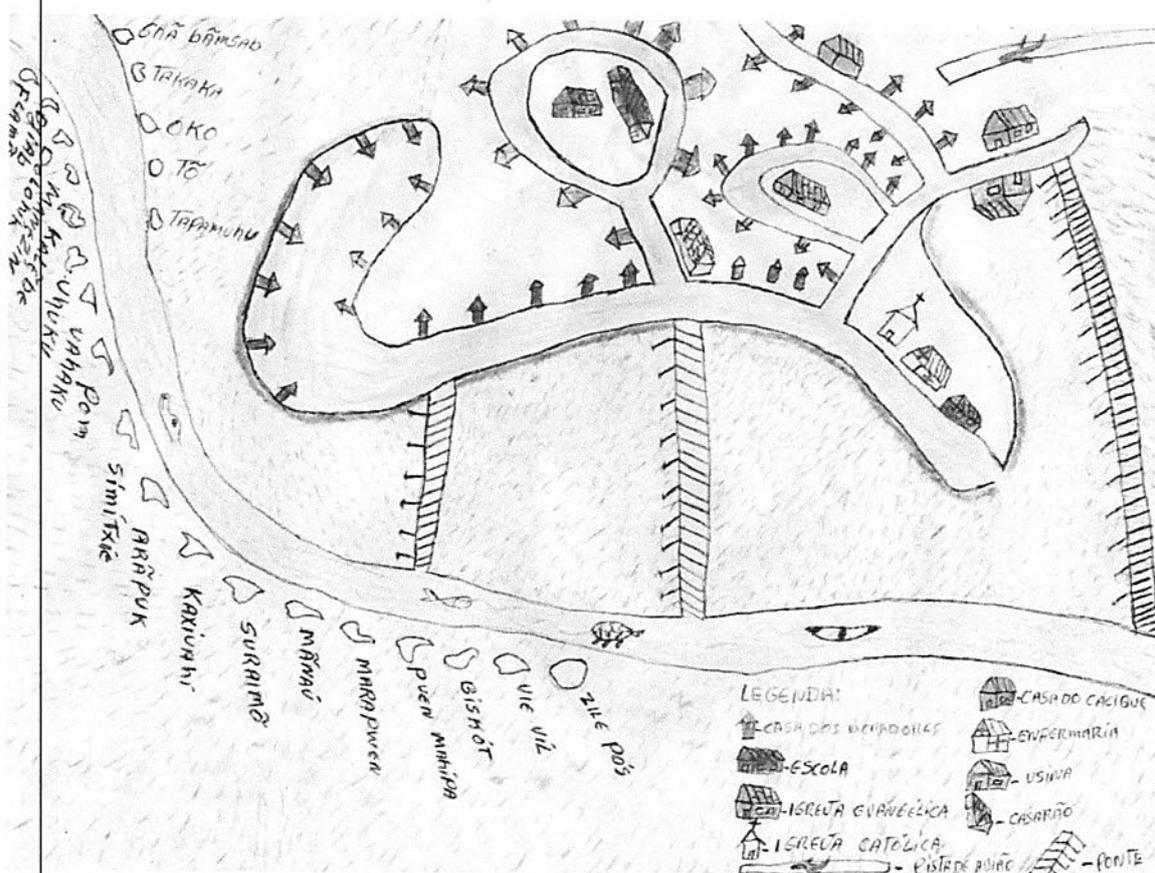
Este desenho representa a origem do rio Urucauá

Foi assim o fim "da cobra Uaçá e o Rio Uaçá segue até o oceano. Era nesse rio que os invasores entravam e perseguiam os indígenas, quando era maior e mais longe era melhor para nós esconder dos invasores portugueses.

Kote dji Kumahumã: Aldeia Kumarumã

As aldeias do rio Uaçã formaram a atual Kumarumã: Zile pós, vie Vil, Biskot, puen Mahipá, Mapapwen, mãnaú, Suraimõ, Kaxiuahi, Arãpuk, simitxe, Pom, Uahaku, Uhuku, Kalēbe, Manezin Dolohik, djiab, Flamã, Grã bãmsab Takaka, Okô, Tõ, Tapamuhu. O nome das aldeias em língua galibi antigo.

Map Kote dji Kumahumã: Mapa da aldeia



Fonte: Oscar e Francinete – 2015

ALDEAMENTO KUMARUMÃ

O Serviço de Proteção ao Índio - SPI chegou em 1942, e fez uma ameaça aos indígenas que moravam espalhados em ilhas separadas, falando que se eles não fossem morar somente em uma mesma localidade, no *Kumarumã*, eles iriam pegar uma penitência no Encruzo. Tinha que levar as crianças para estudar e também para participarem de reuniões e tarefas. O Encruzo fica na entrada do Rio Uaçá, ponto obrigatório de parada das embarcações para fiscalização, e era tipo uma cadeia onde as pessoas ficavam pagando pela desobediência.

O SPI iniciou uma atividade de assistência e tutela aos indígenas da região. Com o nosso povo Galibi-Marworno a ação ocorreu no sentido de concentrar todas as famílias que morava nas ilhas, num único aldeamento, denominado *Kumarumã*.

Localização da Aldeia Kumarumã: coordenadas geográficas

A Terra Indígena Uaçá é demarcada e foi homologada pelo Decreto 298, publicado no Diário Oficial da União 30.10.9. A aldeia *Kumarumã* está localizada na Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque, extremo norte do estado do Amapá, faz fronteira com Guiana Francesa na Amazônia brasileira à margem esquerda do médio rio Uaçá, em uma ilha de formação geológica recente, cercada de campos inundáveis, à 03° 22'43" de latitude norte e 51° 17'48" de longitude oeste. (IEPÉ, 2009).

Mãitê dji viv: modo de vida

Hoje, nosso povo Galibi-Marworno se reorganiza, fortalece laços de sociabilidade, criamos instituições representativas, políticas e econômicas: assembleia geral que acontece de dois em dois anos, assembleias menores em cada aldeia de avaliação que acontece anualmente e tem também reuniões internas para tratar sobre organização social da aldeia. A vida na aldeia é bastante estruturada, havendo assembleias periódicas onde os assuntos importantes são discutidos sob orientação do cacique e dos conselheiros e as tarefas executadas por todos, as mulheres também tem suas representações nas organizações.

Antes eram realizadas anualmente as grandes festas de santos como: Santa Maria, São José, Divino Espírito Santo, São João, Santo Antônio e de São Benedito. Hoje essas festas não existem mais, somente a festa de Santa Maria é realizada por algumas pessoas não evangélicas, todas essas festas eram católicas. Ainda praticamos a festa do turé no mês de outubro na comunidade de Kumarumã.

A população somava 2.300 pessoas, constatadas no censo da Secretaria de Saúde Indígena - SESAI de 2014, distribuídas nas aldeias: *Kumarumã e Aruatú*, à margem esquerda do rio *Uaçá*, numa região plana e de campos alagados. Encontra demais Aldeias *Tukay*, localizada no Km 92 da BR 156, aldeia *Samaúma*, no Km 83 da BR 156; aldeia *Anauerá*, no Km 102 da BR 156, à margem esquerda do rio *Uaçá*. A aldeia *Uahá*, situada na terra indígena *Juminã* que esta localizada no rio *Oiapoque*.

Algumas pessoas moram na cidade de *Oiapoque* e também na *Guiana Francesa*, por ter concursado ou cargo para trabalhar nas instituições como *Fundação Nacional do Índio – FUNAI*, *Casa de Saúde do Índio - CASAI*, *Museu Kuahi*, secretaria municipal dos povos indígenas, vereador e estudantes da educação básica, da *Universidade Campus Binacional* e em cursos profissionalizantes. Na cidade de *San Jorge*, migraram para trabalhar e ganhar o sustento da família, que é uma decisão própria da família.

Das línguas faladas pelas etnias que originaram nosso povo, há atualmente a memória de algumas palavras ainda existente por algumas pessoas idosas da aldeia, algumas palavras que são ditas naquele momento do ritual da flauta, “*pahauê*” em *Galibi antigo* significa *pitxit em patuá quer dizer primeiro son fino*, “*tuhaka*” em *Galibi Antigo*, significa *mitã em patuá e quer dizer segundo son meio*, “*pahaihuku*” em *Galibi Antigo*, significa *mamã em patuá e quer dizer terceiro son grande*. Hoje falamos a língua *kheuol* e português como segunda língua e poucas pessoas falam também o francês.

Na escola o ensino é bilíngüe, mas na educação indígena falamos mais o *kheuol* é onde aparecem algumas palavras na língua *Galibi Marworno*. A educação escolar é um espaço onde nós possamos aprender e ensinar ler, escrever e expressar com outras pessoas. Precisamos sobreviver e ter um projeto de vida, de futuro e de educação escolar de acordo com nossa realidade e tem que ser respeitada, conforme a lei educacional, ou seja: bilíngüe, específica intercultural, comunitária, diferenciada.

Os povos indígenas têm direito a uma educação específica que lhes assegure e fortaleça a própria identidade e possa fornecer-lhes respostas satisfatórias para o processo histórico que vive. Esse direito exigido cada vez mais explicitamente pelas próprias comunidades indígenas tem sido sistematicamente negado pelos sistemas coloniais e neocoloniais. (em exigências de uma nova ordem educacional indígena, documento do II encontro do grupo de estudos sobre educação indígena Brasília; 1986).

Nosso povo *Galibi-Marworno* da aldeia *Kumarumã* alimentamos de nossos produtos da roça como: farinha, farinha de tapioca, goma, macaxeira, cana, pescamos e caçamos, preservamos e respeitamos o que é proibido pelo IBAMA. E pequenos animais de criação para nosso consumo: galinha, pato, bovino e búfalo e também consumimos produtos industrializados. Fazemos artesanato como colares de sementes e miçangas, cuias de tomar tacacá, chibé e açaí, para nosso uso e também para venda. E ainda tem algumas pessoas que fazem canoas de madeira para venda e para uso pelos

moradores da aldeia. São trabalhos que reúne as pessoas em mutirões, e de acordo com Gersen Baniwa;

Toda organização social, cultural e econômica de um povo indígena está relacionada a uma concepção de mundo e de vida, isto é, a uma determinada cosmologia organizada e expressa por meio dos mitos e dos ritos. (2006, p. 43).

Nossa organização social está enredada em família extensa

Na aldeia de Kumarumã nossas famílias são extensas. Nós moramos em casas de madeira ou alvenaria, os compartimentos das casas são divididos pelas famílias como pai, filhos, genros, noras, netos e avós. Vivem juntos numa mesma casa e outros só de uma família como pais e filhos e outros ainda vivem como antigamente sem divisões internas da casa, tanto que hoje nós nos juntamos para comermos em almoços e jantares.

As famílias formam redes de alianças na política, em trabalhos, mutirões, brigas, comemorações, brincadeiras, na igreja, doenças, na escolha de cargos. Temos nossas formas próprias de organizar as relações sociais, políticas e econômicas. Gersen Baniwa fala que uma família extensa indígena geralmente reúne a família do patriarca ou matriarca, as famílias dos filhos, dos genros, das noras, dos cunhados e outras famílias afins que se filiam a grande família por interesses específicos.

Antigamente as casas eram estilo palafíticas, com coberturas e paredes de palha de injás e outros com paredes de madeira, assoalho de madeira, as escadas das casas eram feitas de madeiras roliças, não havia divisões internas, cada família tinham seu lugar dentro da casa, onde dormiam num mosquitoeiro quadrangular feito de tecido, em esteiras de juncos (uma planta retirada do campo alagado, parecida com o galho de buriti) forrados no chão.

CAPITULO: II

XIME DJI NO THAVAI: SINAL – CAMINHO DO NOSSO TRABALHO

Nosso povo já foi pesquisado por vários autores como Lux Vidal, Dominique Gallois, Artionka Capibaribe, Antonella Maria Tassinari. São autores que passaram, mas não aprofundaram sobre a educação tradicional, as histórias contadas em diferentes momentos e lugares como nos rituais de velórios, turé, brincadeiras e cantos, é jeito de ensinar e aprender pelos mais velhos de nosso povo Galibi Marworno.

Neste trabalho, utilizamos outros autores como fonte de pesquisa, que falam sobre a educação indígena nacional. Trabalhamos com os conceitos de Carlos Rodrigues Brandão e Gersem Baniwa. Nesse caso baseamos nessas pesquisas teóricas somente sobre o povo Indígena Galibi Marworno da aldeia de *Kumarumã*. Mas nenhum desses pesquisadores estudam sobre *sinal*, que é uma arte, um saber, uma educação que nós aprendemos com os anciãos, e também não foi pesquisado profundo devido à dificuldade de língua portuguesa dos moradores antigos não passaram as informações corretas para os pesquisadores, e por isso pensamos que é hora de pesquisar, estudar, registrar, analisar, documentar e divulgar os conhecimentos indígenas para as crianças que estão nascendo no mundo da tecnologia para dar valor ao que é seu.

Coletamos dados nos livros e em campo, observamos, fotografamos, fizemos mapa mental, desenho. Fizemos perguntas e gravamos as narrativas usando celular e depois digitamos no computador. A escolha dos nossos colaboradores é que são pessoas que sabem confeccionar sinal, que sabem e pessoas mais antigas que participavam do ritual da flauta. Três mulheres e quatro homens, todos da aldeia *Kumarumã*. As perguntas foram feitas em língua materna e todos responderam em Kleuol depois transcrevemos e traduzimos em português. Escrevemos o relatório de campo, e fizemos uma descrição detalhada sobre a confecção e o significado do *sinal*, como método

etnográfico – ximê dji no thavai. Interpretamos, analisamos e escrevemos *no pãse* que em *kheuol* é nosso pensamento.

No pãse: nosso pensamento

Precisamos dessa educação para valorizar e vivenciar o que nossos avôs, pais, irmãos, conhecedores de nossa educação, o jeito de ensinar e utilizar métodos de fazer sinal, nossa flauta, de pegar alimentos, conforme a tradição dos Galibi Marworno, de deslocar de um lugar para outro, se comunicar e contar histórias. São maneiras e lugares especializados de ensino e aprendizagem. Concordamos com Baniwa que fala sobre “a forma como se transmitem os conhecimentos acumulados sobre a vida e sobre o mundo, especialmente aos mais jovens, isto é a vida pedagógica”. (p.131). Que é educação indígena, feita por ações pedagógicas nas quais participa toda a comunidade.

Deste o nascimento iniciamos a nossa vida observando, aprendendo conhecimentos de acordo com nosso costume, juntamente com os nossos pais, amigos e mais velhos na comunidade, nos mutirões de trabalho, nos rituais e na vida em comunidade.

Habilidades técnicas são exigidas dos homens nos domínios básicos da arte de caçar, pescar, fazer roças construir casas e fabricar utensílios, enquanto para as mulheres são exigidos os domínios na praticas de produção de alimentos cuidarem de crianças, fabricar, artesanatos e ter os hábitos de generosidade em serviços familiares e comunitários. (BANIWA, p. 132,2006).

As nossas armas que usamos para caçar, pescar, conhecimentos para remédios tradicionais, artes, são formas de aprender sobre nosso patrimônio material e imaterial, nossas explicações sobre o mundo. Conforme atesta o professor Cristiano Narciso Lourenço em seus relatos:

[...] quando vai buscar o sinal, o pajé faz uma defumação, colocando espíritos ao redor das pessoas que iam cortar o sinal, para serem protegidos, seres invisíveis, ou seja, sobrenaturais, os karuãnas, para acompanhar a viagem até a chegada do local do sinal.

Tudo isso é importante na nossa educação, que acontece em todos os lugares, no rio, na roça, nos rituais. Nossa educação é diferenciada, neste sentido, concordamos com a afirmação de Brandão:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é um único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante. [...] A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. (BRANDÃO, p.8/10, 2002).

Nós aprendemos durante a pesquisa foi informações que adquirimos conhecimentos dos sabedores que nós falamos e entrevistamos sobre o *sinai* e conhecemos novas palavras que são faladas no ritual, pelos dançarinos e tocadores de flauta na língua Galibi, essas palavras são ouvidas sempre no ritual, na confecção do *sinai*, no canto e para dança do turé. Isso é importante para manifestações artísticas. Regras de como buscar *sinai*, confeccionar e tocar, a chegada até no local onde se encontrar *sinai*, isso é um aprendizado de uma educação Galibi Marworno.

O método preferencial das ciências indígenas é a visão da totalidade do mundo. [...] O saber é mais do que querer criar ou saber dizer, é saber fazer, baseado em conhecimentos acumulados no decorrer da vida. (BANIWA p170).

Tudo que nós aprendemos é para contribuir e incentivar a comunidade e escola nas práticas de educação tradicional.

CAPÍTULO III

No ka ãpham Fe *sinal*: aprendemos fazer a flauta

Nós Oscar e Francinete durante a pesquisa procuramos o senhor Dauoo Benjamim para conversamos com ele sobre a possibilidade de ensinar a confecção da flauta, ele gostou, falou para buscar o material que ele estava a disposição para nos ensinar fazer a flauta.

Cortando sinal no mato



Fonte: Francinete, 2015

Buscando sinal



Fonte: Francinete, 2015

Fomos buscar matéria prima no mato com um sabedor também que sabe. Levamos o sinal para ele, logo em seguida cortou o *sinal* em 30 cm de comprimento. A moita deve ser verde para fazer o buraco por dentro e fazer as marcas para ficar mais bonita como Dauoo Benjamin falou. Depois de terminar, levar para o pajé defumação da flauta e ser reconhecida pelos *caruãnas*.

Beijamin ka mōthe nō fe sinal



Fonte: Francinete Silva

Eu tive privilégio de fazer uma flauta de início ao fim e aprendi tocar, gostei muito, pra mim é início de uma educação tradicional que não para, que continue e precisamos compartilhar com outras pessoas ainda que não saiba ou que nunca viu, colocamo-nos a disposição de ajudar o nosso povo a confeccionar e valorizar a flauta.

Confeccionar e tocar *sinal* são caminhos para valorizar nossa cultura material e imaterial, reconhecer nossa educação tradicional e nossas formas de estar e explicar o mundo.

Desde muito antes da introdução da escola, os povos indígenas vêm elaborando, ao longo de sua história, complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobrenatural.(RCNEI,p.22).

Sinal - as flautas e a cosmologia Galibi Marworno

Antes aprendemos fazer flauta, *sinal* como se diz na língua *kleuol*. É uma vegetação, encontrada no centro da mata, do Alto Rio Uacá. A *toicera* é semelhante ao outro bambu comum, somente sua cor é mais verdeada e bastante conhecida pelos indígenas *Galibi Marworno*. Os mais velhos dizem que essa planta tem o dono *met*, quer dizer seres invisíveis de outro mundo, ou seja, seres sobrenaturais e somente os homens que podem buscar o *sinal* para confeccionar a flauta. *Dauoo Benjamin* conta e os idosos confirmaram que o lugar é bem limpo ao redor e por baixo da *toicera* do *sinal*. *Para cortar precisa pedir permissão ao Karuãnas dono da vegetação*.

Sinal tem um grande significado para a cultura material, que entendemos é tudo aquilo que se produz, faz, são objetos, artefatos, que acompanham a cultura imaterial. São saberes, conhecimento e crenças que são adquiridos e ensinados por sabedores de geração a geração dos Galibi Marworno. Neste sentido, Gersen Baniwa (2006) afirma:

Os saberes indígenas respondem às suas necessidades e desejos. Suas crenças, valores, tecnologias etc. provêm de um conhecimento comunitário prático e profundo gerado a partir de milhares de anos de observações e experiências empíricas que são compartilhadas e orientadas para garantir a manutenção de um modo de vida específico. (p.169,2006).

A flauta – *sinal* é um instrumento musical, de sopro, usado nas manifestações culturais como na dança do *turé* e era usado para encantar mulheres para namorar e também para se comunicar com pessoas. Conforme afirma o professor Nordevaldo dos Santos:

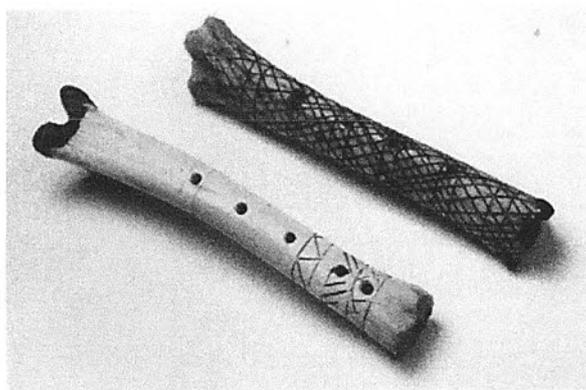
Tem um tipo de flauta chamada parauê e tem um som bem agudo e bem triste tipo um choro tringente perto dos animais como um sabiá e sapo para entristecer alguém e para encantar uma moça, uma mulher. Tem som muito triste, geralmente ela é usada de madrugada, lá para umas 05 horas, quando as pessoas saem para pescar, como antigamente eles não moravam num só localidade moravam em ilhas separadas eles saíam para pescar em umas dessas ilhas que tem moças

morando ali. Utilizando aquela flauta soprando, homenagem aquela menina para conquistar ela, então o som muito agudo ela vaiiii até encantar ela, de repente cai no ouvido da moça ela fica encantada com isso, ela levanta percebe que é o fulano que está passando, ai certas horas, ele já encantou aquela menina numa festa do turé, já vai ter um encontro para conversar assim era o namoro que conquistava as mulheres. (Nordevaldo⁴, 2014).

Os dançarinos usam o *sinhal* enquanto o pajé canta usando o maracá e *tawari* que é uma matéria prima usada para fazer o cigarro do pajé. Segundo VIDAL (2009), a música e os instrumentos musicais são elementos importantes entre o contato dos seres invisíveis. São os *karuanãs* que ficam neste mundo e no outro mundo debaixo d'água e no mato só o pajé pode vê-los. O nome da flauta em Galibi Marworno é *kahamatá*, como os bancos e os *Karuãnas* do pajé, a flauta é uma representação do patrimônio material e imaterial do povo Galibi Marworno, é um principal objeto que deixa a dança turé mais atrativa e dinâmica.

O senhor Domingo Osvaldo dos Santos oferece informação de outros materiais. Antigamente usavam osso do veado e do parauê é uma pequena ave em língua kleuól. Hoje em dia não fazemos mais sinal de osso de animal.

Kahamatá, a flauta de osso do veado



Fonte: Museu do Índio IEPÉ

⁴ Entrevista realizada durante nossa pesquisa de campo.

Pahauvê, tuhaka e pahaihucu: sons do sinal

Sinal é confeccionado pelo próprio dançarino e tocador. O de som grande inicia primeiro e logo começa o segundo e terceiro, para todos os dançarinos há de ter uma flauta. Os três primeiros homens tocam a flauta pequena para dá o som inicial da dança e depois começa o segundo som grande, em seguida é o médio que toca, assim continuam a tocar até o amanhecer do dia.

Quando confecciona o *sinal* é para realização de dança comum para toda a comunidade e também para tratamento de pessoas enfermas. E quando tirada de uma moita de bambus, ela é bastante conhecida e usada pelos índios, como instrumento musical que serve para os rituais e na dança do turé uma tradição nossa. Tem duas formas de cortar o bambu, primeiramente conversa com a moita dizendo que precisa dela para curar alguém, e para tocar durante a dança do *turé* comum, só corta e volta sem falar nada. Quem corta, confecciona e toca na festa, não pode ter relações sexuais com esposa e nem pode comer qualquer tipo de peixe é a regra da cortança e confecção da flauta. Porém se alguém atrever cortar sem cumprir esses costumes poderá adoecer com dor de cabeça, febre até morrer, e quando acontece esse imprevisto o Pajé *ka pafimê*, ou seja, defuma a pessoa para não acontecer o pior com ele. O *kumi* é uma pequena flautinha que fica dentro do sinal, é o que dá o som dentro da flauta, é feita um pequeno buraco na ponta da flautinha.

A pesquisadora tocando o *Kumi*



Fonte. Oscar, 2015

É encontrado dentro da aldeia no cerrado, na mata terrestre, assim fala Eurico Narciso⁵. Quando vai buscar o sinal traz também o *kumim*, que é uma taboca fininha, colocada dentro da taboca para dar o som. Assim como vai tirar sinal vai tirar o *kumim* com cânticos e o *pajé* vai medir o comprimento da matéria-prima vai fazer a flauta.

A confecção do sinal, ou seja, a sua preparação do *pahauvé* primeiro sopro da flauta pequena e *tuhaka* segundo sopro e *pahaihucu* é a grande flauta tocada de atravessada, são nomes na língua Galibi que significam músicas e sons das flautas.



Fonte: Acervo museu Kuahí

A flauta se toca de três tipos, filho, meio e mãe esses três sons são diferentes uma da outra. Assim fala Luciléia Santos⁶ que as flautas têm três tipos de sons. As flautas se usam em três tipos de som. Temos um som que eles dançam lentos e tem um som agitado que toca junto no mesmo tempo fino e grosso e bem agitado, de flauta cada um tem o seu som diferente.

⁵ Entrevista concedida em 2015.

⁶ Entrevista feita em 2015

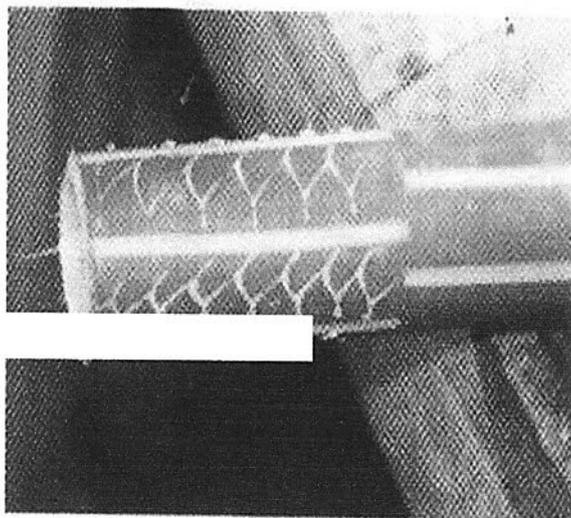
Tocadores de *sinal*⁷



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Kuahí 2004

As marcas usadas nas flautas são os confeccionantes que escolhem por serem bonitas como: *kuahi* conhecido como peixe, *dãdjilô* são maresia, *kai atxipá* é um peixe de escama grossa, *xime dji lavi* caminho da vida, *pataje kasab* divisão do *beiju* em varias fatias, marcas Galibi Marworno, assim afirma Cristiano Lourenço, que nas flautas são usadas as marcas indigenas. As marcas usadas no sinal, como marcas *kuahí*, *dãdjilô*, *kai atxipá*, *xime dji lavi*, *pataje kasab*, essas marcas eram feitas no sinal são marcas Galibi Marworno.

Marcas do Sinal: *Dãdjil*



Fonte. Oscar, 2015

⁷ Festa do Turé em Kumarumã, 2004.

As marcas têm significados que representam animais aquáticos, terrestres, e do espaço, como peixes, cobras, caças, vegetais e caminho da vida, são expressões de nossa identidade e de beleza na pintura corporal, em cuias, artesanatos, esculturas e no *sinal*.

Crenças e regras: ritual de flautas- *sinal*

Para buscar *sinal* eles não vão à toa, por exemplo, quando um pajé faz um tratamento de uma pessoa doente o pagamento é no momento da dança do turé que é uma dança de agradecimento aos *karuãnas* do pajé. Nesse momento que o pajé precisa de pessoa que ele curou para buscar *sinal* ou pessoas escolhidas pelo pajé. São pessoas responsáveis que obedecem ao pajé, não pode comer peixe, precisam fazer uma defumação e conversar com o vegetal, pedindo uma autorização para o que esta prestes a fazer. Se isso não for feito, a planta pode não servir para fazer a flauta, ela racha. A planta já vem com o espírito. Porque é regra do pajé, só pode comer caça ou frango. E quando chega ao local do *sinal*, lá corta em feixe e volta, chega ao *laku*⁸, local da dança ou na casa do pajé onde vão confeccionar entre um ou dois dias tocando e cantando, experimentando o *sinal* até ficar afinado, para os dançarinos apresentar no *laku* no início da festa antes do meio dia se não aparecer vai ser punido pelo pajé, nesse sentido os antigos moradores da aldeia Kumarumã dizem que a regra do turé exige muita coisa, ela permite que todos os dançarinos se apresentem com seu material festivo antes do meio-dia. Caso alguém chegue atrasado será punido e tem que tomar de 2 a 3 cuias grandes cheias de *caxixi* sentado no “*geréu*”, um banco de madeira feito em forma de urubu, apropriado para pagar a punição.

O ritual começa a partir da confecção da flauta até no início e término da festa do turé cantando, tocando e dançando são momentos especiais de ensino aprendizagem, observando, ouvindo e fazendo, conhecendo as artes, cantos e crenças do povo Galibi Marworno.

Antigamente os mais velhos gostavam muito de contar história, mitos e fatos reais que os antigos observaram, participaram e ouviram as histórias com

⁸ *Laku* significa um círculo cercado de vara que são enfeitadas com bolas de algodão ligadas por fios onde são presas penas brancas de garça onde é feita a dança do turé.

outras pessoas nos mutirões de roçagem, na derrubada das roças, no plantio das roças, na fabricação de farinha, na construção dos *kabe* (casa da farinha), nos rituais, na dança do *turé*, nos velórios, nos trabalhos de fabricação de canoas, na hora do almoço e da janta. Cantavam belas canções, tocavam instrumentos musicais e *siná* nossa flauta, fazia parte do conjunto de conhecimentos e modos de vida do povo Galibi Marworno.

Isso acontecia quando os adultos faziam trabalhos braçais. Com um tempo o trabalho manual foi substituído pelas máquinas de petróleo, como motosserra, *catitu* (máquina de ralar mandioca) e não dá para contar história devido ao barulho, a partir do momento em que as máquinas passaram a fazer parte da cultura e o povo indígena de *Kumarumã* achou que facilita o trabalho, mas causou impacto na educação indígena, dificultou e atrapalhou os velhos contarem histórias.

Tudo isso ajudou os anciãos a não contar mais o passado para os jovens que estão nascendo mais recente, para passar essas informações de geração em geração para não esquecerem, porque os sábios estão morrendo.

Então nós professores indígenas devemos incentivar a comunidades e alunos na importância e na valorização artística cultural. De acordo com a professora indígena Jaciara Santos⁹, precisamos trabalhar com incentivo e prática.

Nós como professores indígenas precisamos fazer um trabalho de incentivo com toda a comunidade para que nós entrarmos em acordo com a comunidade para resgatar de tudo que nós estamos perdendo, porque esse é nosso costume, tradições que nos identificamos, como indígenas não podemos perder, é isso que eu acho como professora.

Nós professores concordamos com a narrativa dos colegas sobre ações pedagógicas da educação indígena sobre nossa cultura. É também o que recomenda o professor indígena Cristiano Lorenço:

⁹ Entrevista realizada em 2015.

Nos como professores temos que incentivar sobre a importância do sinal juntamente com a comunidade e escola caminhando juntos para explicarmos o que está acontecendo com a nossa cultura, crença e tradição, a dança do turé, é importante para nós, porque devemos mantêmos sempre forte e firme , as coisas que fazem parte da nossa cultura.

Sabemos que a dominação de outras culturas pode trazer o enfraquecimento da nossa cultura. Pessoas da cultura envolvente chegam à aldeia e falam que suas culturas são melhores, são pensamentos etnocêntricos. Por isso, os jovens não estão reconhecendo os sabedores e sábios da educação tradicional Galibi Marworno. Assim fala Gersem L. Santos Baniwa;

Os principais saberes indígenas estão ligados à percepção e a compreensão que eles têm da natureza, e se manifestam no trabalho nos ritos nas festas, na arte medicina, nas construções das casas, na comida, na bebida e até na língua, que tem sempre um significado cosmológico primordial. Muitos saberes estão desaparecendo diante da pressão da cultura dominante e da globalização. (2006, p.170).

Relatório de campo: porque as flautas não estão sendo mais ouvidas na aldeia?

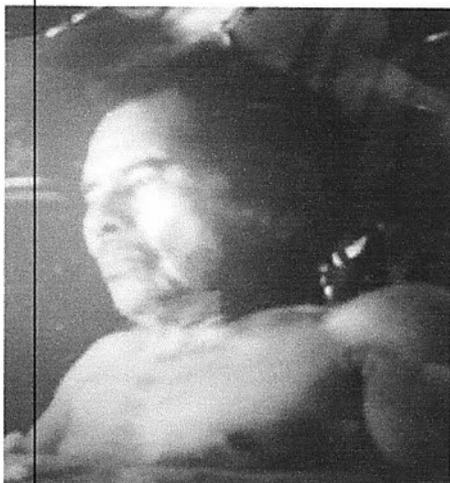
Na aldeia Kumarumã, iniciamos a pesquisa de campo escolhendo pessoas que participavam da manifestação do Turé e dos confeccionantes do *sinai*, para fazermos perguntas, anotações gravações, da nossa pesquisa. São nossos colaboradores na pesquisa: Eurico Narciso, 71 anos de idade, índio Galibi Marworno; Manoel Francisco Narciso, 63 anos de idade, índio Galibi Marworno; Domingo Osvaldo dos Santos, 78 anos de idade, índio da etnia Karipuna; Nordevaldo dos Santos, 43 anos de idade, professor indígena Galibi Marworno; Luciléia Rosa dos Santos, 43 anos de idade, professora indígena Galibi Marworno; Cristiano Narciso Lourenço, 45 anos de idade, professor indígena Galibi Marworno; Jaciara Santo Silva, 35 anos de idade, professora indígena, Galibi Marworno; Macksoário Nunes Narciso, 29 anos de idade, professor indígena Galibi Marworno.

Nos Francinete e Oscar começamos pesquisar, no mês de setembro de 2014, dando uma volta pela aldeia conversamos com o cacique, o diretor da escola e demais pessoas explicando a importância do nosso trabalho que tínhamos o objetivo de descobrir, porque o *sinai* não esta mais sendo ouvida na aldeia? Decidimos conversar com a professora Luciléia Rosa dos Santos, lembramos que ela quando jovem participava do Turé. Fomos até sua casa e explicamos que estávamos fazendo uma pesquisa sobre *Sinal*, um tema que ainda não foi pesquisado e que estamos perdendo. Depois entrevistamos o senhor Eurico ele que participou muito da festa do turé, ele que sugeriu as pessoas que deveríamos entrevistar porque tenho conhecimento sobre *sinai*.

Entrevistas

Iniciamos com Eurico Narciso, a entrevista que foi realizada no dia 20 de setembro de 2014, dentro da casa dele, deitado numa rede estava doente.

Eurico Narciso de 71 anos



Fonte. Francinete

Porque o *sinal* não esta mais sendo ouvida na aldeia? E como era feita antes? Ele falou sobre as moitas, ou seja, *sinal*, quando eles vão buscar a flauta já traz a pedido do pajé.

Kumim é uma taboca fininha e colocada dentro da taboca para dar o som. Assim como vai tirar sinal vai tirar o kumim com cânticos e o pajé vai medir o comprimento da matéria-prima e vai fazer a flauta; faz um feixe e coloca perto do mastro. No mato onde tem muito para escolher os que estão bem maduras para fazer flauta bem feito, quando chegam com pajé eles fazem flauta de sons fino, médio e grosso. Sua armazenagem só pode ser por poucos dias. Têm três tipos de sons, para os Galibi Marworno só pode ser retirado sinal quando for produzido para o ritual que será realizado. Primeiramente os dançarinos sopram a flauta, eles cantam acompanha a flauta fina depois a flauta médio por último e a flauta grossa, assim sucessivamente, isso é curtição de índio, no passado essa festa era apresentada todo ano. Tudo isso eles faziam com o som da flauta coisa de índios, eles dançam, cantam e sopram na flauta muito bonito assim que eles faziam em toda aldeia, não existia outra dança isso era diversão deles, eles usam a flauta todos os momentos, nos mutirões eles faziam danças de sinal em outros afazeres. Depois os antigos foram morrendo e os jovens de hoje não estão priorizando esse instrumento, assim está terminando a cultura, mas pra mim não queria que terminasse com a nossa cultura, esse sinal colocam na boca para soprarem e faziam o som com o dedo

e também tem pahaihuku, nome na língua Galibi é um tipo de dança com som grosso e os passos da dança são acompanhados de acordo com o som, tudo se modificou. Hoje não valorizam e nem dão importância para os saberes tradicionais como para tecelagem, peneira, pakahá, pagha língua galibi, tipiti, kheuól kulev, abano, kheuól wauahi, vassoura, kheuól bale, esteira, kheuól nat, até mesmo o jamaxi, kheuól, katuhí. Os que faziam esses trabalhos a maioria já morreram eram outras pessoas, hoje são outras pessoas, nós perdemos essas coisas, não era para a gente ter esquecido o que é nosso, por exemplo, antes tinham muitas flechas para matar peixe e hoje não ver mais isso, pega peixe de outra maneira, outra coisa não se ver muitas plumária. Antes muitas pessoas sabiam fazer esses objetos.

Manoel Francisco Narciso, 63 anos de idade.



Fonte. Francinete, 2015

Perguntamos: Antigamente quem tocava flauta?

Somente pessoas que sabiam soprar a flauta somente eles que sopram a flauta não podia ser qualquer pessoa, eles sopravam na hora de uma dança do turé, o momento que eles faziam a festa eram no mês de verão, o mês outubro, eram pessoas sabias apropriadas somente para fazer esse objeto à flauta, o aprendizado da flauta veio de geração em geração, as matérias que eles usavam para fazer a flauta era um pedaço de ferro tipo serrote uns pedaços de

ferro transformados em um terço para poder serrar bem a flauta, para sair bem bonita e limpa as pessoas que aprendiam a soprar as flautas eram somente pessoas escolhida e não todo mundo que sopravam a flauta, porque hoje neste mundo que estamos eu quase creio que não tem esse costume de fazer essa festa da flauta por que têm muito outro costume na nossa aldeia.

Esse costume acabou a religião está entre nós, esse costume de tocar flauta e fazer, ficou para trás, estamos em outro costume, a nossa geração morreu pode ir com outros cientistas, eles vão dizer a mesma coisa que eu estou dizendo, porque participei desse movimento sei disso, esse tempo eles faziam todo o preparação, eles dançavam, bebiam, era uma festa animada e confeccionavam o sinal em grupo de pessoas não tinha outra festa além dessa, chamavam outras pessoas de outra localidade para participar da dança do turé.

Porque nós Galibi Marworno não nós dedicamos a praticar essa festa do turé, às vezes somos criticadas por pessoas com falta de conhecimento, até mesmo discriminado por isso ficamos envergonhados de prestigiar essa grande manifestação cultural, pessoas religiosas como falam que essas festas são diabólicas e também por termos o contato com a sociedade envolvendo e adaptando costume, por exemplo, usando instrumento musicais, violões guitarras, isso faz com que a nova geração seja iludida por aprender coisa que não procura mas nos interesse nos conhecimento que aqueles idosos sabem sobre a nossa tradição costume, ou seja, não damos o valor ou importância.

Entrevista. Domingo Osvaldo dos Santos, de 78 anos de idade.



Fonte. Francinete

Ele é da etnia Karipuna. A entrevista foi na sua casa, dia 25 de agosto de 2014, na aldeia Kumarumã. Perguntamos se ele poderia nós ajudar sobre a flauta, poderia gravar uma entrevista e ele aceitou.

Antigamente quando os homens chegavam da cortança para a confecção do na língua Galibi Marworno e sinal kheuól, eles cantavam belos cantos durante o preparo do sinal, pahauvé e turaka, para tocarem na dança do turé. Hoje em dia não fazem mais o sinal não é mais vista e nem ouvida, antigamente as pessoas daquela época adoravam essa festa tradicional, era tão valorizada desde os idosos até os mais jovens, vinham pessoas de todo lugar da região de Oiapoque para participarem da festa. Essa festa só acontecia no mês de outubro tempo de verão a festa era realizada em terreiro, terra plana em frente a casa do pajé ou em local escolhido pelo pajé, antigamente eles usavam ossos de animal como do veado e do parauê, conhecido como uma ave, deixavam secar os ossos, depois de um mês ajeitavam as pontas, furavam buracos nos ossos e faziam marcas, para soprarem o instrumento musical, que era tão usadas por essas pessoas de antigamente, os homens pintavam as pernas para dançarem. Tinha dezoito anos quando vim mora para o rio Uaçá as famílias moravam em pontas de ilhas no mahipa, mânau e biscot, cheguei à dança nessas ilhas. Hoje os jovens não estão aprendendo e não se interessando nos conhecimentos de antigamente para fazer tecelagem como, peneiras, tipiti, abanos, paneiros, jamaxi e outros objetos. As pessoas que não vissem a morar na aldeia de Kumarumã iam para o encruzo que era um lugar de punição.

Entrevista realizada por Oscar e Nordevaldo dos Santos de 43 anos, professor, na aldeia Kumarumã, no mês de junho de 2015.

Perguntamos por que hoje os jovens não dão importância para as flautas?

Por que hoje os jovens não praticam a nossa cultura, voltando em relação à flauta. Porque é isso que e a nossa identidade mais tarde o curso intercultural requer, isso ai é por isso precisamos saber isso, antes para depois contribuir dentro da universidade para poder levar em frente divulgar conhecimento. Muitos jovens hoje não sabem. Ele falou que tem um cunhado que sabe fazer

uma demonstração para a gente não esquecer, se deixar de lado quem vai fazer para nós hoje? Ele é único que sabe.

Perguntei por que pararam de fazer a flauta?

Nordervaldo - Por influencia de outra cultura. Dentro da aldeia a juventude não tem esse hábito de guardar aquela cultura original foi acabando esquecendo e não praticando que nós chegamos a esse ponto. Trazer para a comunidade é tão importante. Então o papel da escola indígena hoje juntamente com os professores indígenas eles precisam ter esse norte em relação da cultura da prática das atividades que os antigos faziam. Os professores precisam ter esse mecanismo pra trabalhar dentro da sala de aula com os alunos referentes às culturas do passado levando um idoso para dentro da sala de aula entrevistar um mais idoso levar uma pessoa que sabe contar historia que sabe confeccionar um artefato levar o conhecimento pra sala de aula isso é mais a tarefa da escola para poder revitalizar alguma coisa agente faz pergunta pra nós mesmo é mito importante ver a escola fazer esse tipo de trabalho. Porque você esta tratando da pessoa original da escola mais uma função além de ensinar e escrever, mas ela tem um papel que você esta falando valorização de saberes. O primeiro som do sinal chamada parauê na língua Galibi e tem um som bem agudo e bem triste tipo um choro tri gente perto dos animais como um sabiá, sapo para entristecer alguém e para encantar uma moça, uma mulher tem som muito triste geralmente ela é usada de madrugada lá para umas 05 horas quando as pessoas saem para pescar como antigamente eles não moravam num só localidade moravam em ilhas separadas eles saíram pra pescar umas dessas ilhas que tem moças morando ali. Utilizando aquela flauta soprando homenagem aquela menina para conquistar ela então o som ela e muito agudo ela vaiiiii até encantar ela der repente cai no ouvido da moça ela fica encantada com isso ela levanta percebe que e o fulano que esta passando ai certas horas ele já encantou aquela menina numa festa do turé já vai ter um encontro para conversar assim era o namoro que conquistava as mulheres.

Oscar - Ele contando pra mim é muito bonito essa história. Eu perguntei se ainda faz essa flauta?

Nordevaldo falou - Não até porque não tem alguém que sabe fazer, tinha o finado sogro do meu sogro, eu cheguei a ver, ele fez uma flauta, ele tava soprando imitando uma voz de um sabiá, é tipo sabiá cantando mesmo e na dança do turé, usavam sempre no dia-a-dia, utilizavam muito essas flautas justamente para conquista as moças e pra comunicar com certas pessoas, por exemplo, um homem quer falar com sua esposa no meio de muita gente ai não dava, queria pedi um cigarro de tawari, era muito importante, ai tem uma versão pra isso, ele vai assoprando e ouvindo aquela música a mulher já sabe que é cigarro ele tá querendo, ela faz o cigarro dele e leva para ele sentando no banco em forma de animais de cobra.

Professora Luciléia Rosa dos Santos, de 43 anos.



Fonte: Francinete

Entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2014, na aldeia Kumarumã, na entrada da casa, assentados à leixel-la.

Perguntamos como usavam *sinãl* antigamente? E quais eram os sons que você conhecia?

A flauta se usa em três tipos de som temos um som que eles dançam lenta e tem um som agitado que toca junto no mesmo tempo fino e grosso e bem agitado, de flauta cada um tem o seu som diferente que eu lembro antes era assim agora continuam assim mesmo de flauta eles fazem de uma matéria prima que chama de kumim na língua Galibi é um pequeno tipo de taboca. De a cordo com o som que vai imitar os animais, hoje a gente perde muito a nossa cultura porque não tem pessoas para praticar essas danças, só pratica nas

datas comemorativas como 19 de abril. Não tem pessoas que manifesta para fazer esses tipos de danças e por isso muitas coisas a gente perdemos no caso nós não sabemos nem um canto tradicional às vezes tem cantiga não só do pajé, tem um senhor Getulio que já faleceu conta também de dança que pode cantar qualquer pessoa mas tem também as danças do pajé que faz presente os caruãnas e agora só os mais velhos que cantam. Imagina os jovens quase não conhecem esses cantos então se nós não mobilizamos para mostrar para os jovens daqui com 15 a 20 anos ninguém vai saber desses cantos e confecções desses artefatos principalmente flautas até movimento corporal dança tradicional. Hoje não tem mais velho, todos já morreram, existem pessoas com 50 a 60 anos que sabe muita coisa sobre o passado se não perguntar eles vão ficar com isso na cabeça muito anos atrás a mãe dela contava que usavam a flauta nos velórios quando o parente fica triste e chora na flauta tipo um cântico mais e o choro as vezes eles cantam sentados reunidos nas suas casas pessoas antigas exemplo ela foi com avó dela Dona Vicência sentado no chão costurado cantando na língua Galibi ai ela falou pra viu esses cantos é muito bonita hoje nós nunca procura os mais antiga é por isso agente sofre hoje eu mesmo eu queria aprender cantar para cantar dentro da sala de aula na disciplina de cultura indígena tudo isso é uma perda de cultura que agente esta perdendo então é isso.

Professor, Cristiano Narciso Lourenço de 45 anos.



Fonte. Oscar

Local da entrevista foi na Escola Indígena Estadual Camilo Narciso, conversamos com ele e perguntamos, se poderia nos ajudar na pesquisa sobre a flauta. Ele concordou.

Porque o *sinal* não esta mais sendo ouvida na aldeia? Que tipo de marcas que usa nas flautas?

Primeiramente falou sobre as marcas usadas no sinal, como marcas kuahí, dādjlô, kai atxipá, xime dji lavi, pataje kasab, essas marcas eram feitas no sinal são marcas Galibi Marworno. Ele também confirmou que quando vai buscar o sinal, o pajé faz uma defumação, colocando espíritos ao redor das pessoas que iam cortar o sinal, para serem protegidos, seres invisíveis, ou seja, sobrenaturais - karuãnas, para acompanhar a viagem até a chegada do local do sinal. Em relação a nossa dança do turé, as crianças estão nascendo e crescendo, sem conhecerem e verem a confecção do sinal. Hoje a nossa cultura está acabando, sendo esquecidas pelas novas gerações, isso não está como antigamente as pessoas faziam, praticavam, viviam com esses materiais, no dia a dia eram costumes do povo, não tem mais isso, alguns alunos de sala de aula sabem poucos sobre o sinal, nós como professores temos que incentivar sobre a importância do sinal juntamente com a comunidade e escola caminhando juntos para explicarmos o que está acontecendo com a nossa cultura, crença e tradição, a dança do turé, é importante para nós, porque devemos mantermos sempre forte e firme, as coisas que fazem parte da nossa cultura.

Entrevista realizada com a professora Jaciara santos silva 35 anos.



Fonte. Oscar

Porque o *sinal* não esta mais sendo ouvida na aldeia?

A solução para essas coisas tem que sair de nós, nos incentivos para mostrar aos alunos por que alunos de hoje não tem esses conhecimentos, eles não sabe o que é sinal tem alunos de primeiro período, segundo período eles não sabe o que é a dança do turé, porque a dança original de muitos anos atrás não tem mais. É difícil de fazer essa festa original, agora só tem apresentações em eventos, na escola como 19 de abril não é original, como antigamente porque a dança do turé tem a regra que deve seguir, nessas apresentações não tem essas regras é uma apresentação normal então eles precisa saber essas normas, também os alunos tem que conhecer as flautas os tipos de flautas tamanho os significados de cada um, em que momento eles usam essas flautas, nós temos que saber porque tem esse inicio, meio e fim. Nós como professores indígenas precisamos fazer um trabalho de incentivo com toda a comunidade para que nós entrarmos em acordo com a comunidade para resgatar de tudo que nós estamos perdendo, porque esse é nosso costume, tradições que nos identificamos, como indígenas não podemos perder, é isso que eu acho como professora, o pajé tinha que esta junto com a escola, mas isso não esta acontecendo, porque ficou separado por causa do dinheiro, ou seja, o capital que separou. Isso na verdade era para o pajé está junto com nós professores, o pajé é um professor de cultura indígena, então ele tinha que ficar sempre com nós na sala de aula para ele explicar, mostrar e ensinar para as crianças, mas isso não esta acontecendo para isso acontecer tem que pagar ele para poder passar o conhecimento tradicional, então nós precisamos colocar isso na prática, pra mim eu não acho certo essa ligação escola e pajé precisa mais de união é isso que eu acho.

Entrevista Professor Macksoario Nunes Narciso

Quando procurei o professor Macksoario Nunes Narciso, de 29 anos, ele disse-me que foi contratado pelo Estado, para trabalhar com alunos de 5º ao 9º ano do ensino fundamental Aldeia Kumarumã, dia 11 de maio de 2015, às dez horas, na biblioteca da Escola Indígena estadual Camilo Narciso.

Perguntei: Tem regras e para confeccionar e tocar sinal?

Quando vão buscar o sinal tem toda regra, não pode comer peixes de toda espécie, relação sexual na cortança, nem comer pimenta quando vai se tocar, para dar belos sons no sinal e para o pajé não passar mal durante a festa. Depois que corta o sinal coloca na canoa e cobrem com folha verde para o sol não ressecá-la, no dia seguinte começam logo a confeccionar o sinal, não pode ficar mais de 2 dias sem fazer, fica seca e não dava para furar o buraco no centro, endurecia a matéria prima, são os tocadores que fazem o sinal. Apenas três homens tocam e cantam o primeiro som afinado, restante dos homens tocam o meio de som médio e o terceiro som. Onde todos os participantes começam a dança e se curvar, esse aprendizado veio de geração a geração dos nossos ancestrais. Através das observações que aprendiam a confeccionar o sinal, era uma coisa simples de fazer e uma coisa fácil de aprender, devemos nos dedicar nessa educação tradicional, usava antigamente terçado conhecido como facão, serrote ponta de ferro, ou pontas de madeira bem afinada. Hoje a tendência é acabar com essa grande manifestação artística do nosso povo Galibi Marworno, temos contato com a sociedade envolvente, a tecnologia avançada que está entre nós na aldeia e também a religião influenciada nesse meio, as crianças e os jovens não estão tendo esse ensino aprendido dos sabedores, nesse grande movimento e evento indígena, da dança do turé. Nisso vai se esquecendo e acabado cada vez mais, essa festa tradicional Galibi Marworno, atualmente se vê apenas apresentação em época de programação da comunidade, como assembleia e dia 19 de abril, mais não é aquele ritual completo.

Considerações finais

Este trabalho trouxe um conhecimento muito rico através da pesquisa sobre a flauta e da análise que nós fizemos, a partir das reflexões podemos contribuir para a melhoria da prática da educação tradicional e da escola na comunidade Kumarumã, não só transformar a flauta em materiais didáticos, para usar na sala de aula e separar um espaço na escola de encontro com sabedores para melhoria de aprendizagens entre a escola e a comunidade, mas também valorizar os nossos saberes, artes, crenças e representações simbólicas, enquanto política cultural do povo Galibi Marworno.

Para uma escola ser verdadeiramente indígena é necessário conservar o patrimônio material e imaterial da cultura da etnia Galibi Marworno. É bom saber da própria história cultural, cosmológica, mítico, religiosa, valorizando e mantendo sempre viva as nossas memórias, tradições e significações, por meio de revitalizar e proteger nosso patrimônio cultural. Nossa resistência deve ser diária, nas ações pedagógicas, não só na confecção dos artefatos como *SINAL*, mas principalmente em nossas formas de estar e interpretar o mundo. Um caminho possível, embora não seja o único, é contribuir na formação das novas gerações de sujeitos críticos e comprometidos com nossos projetos e políticas culturais, como expressão de resistência e de sentimento de pertencimento a uma identidade indígena, a uma etnia - Galibi Marworno e a um território para reprodução de nossos modos de vida.

Retomando nossos processos de ensino aprendizagem de saberes indígenas, a comunidade e a escola, para manter a nossa identidade sempre firme e forte, não pode deixar morrer nossa cultura e tradições, o que nos identifica enquanto povo indígena – povo Galibi Marworno.

A escola e professores têm que fazer um trabalho de incentivo com os alunos para não esquecer definitivamente o nosso instrumento musical, fazer com que a escola e comunidade pratiquem o uso de *sinal*, a produzir e ouvir o *sinal no dia-a-dia*, não apenas nas datas comemorativas como dia do índio 19 de abril, 07 de setembro, dia das crianças, assembléias dos povos indígenas,

mas principalmente na festa do turé que o pajé realiza todos os anos. Precisamos observar, participar, colaborar e valorizar, esse grande saber tradicional e cultural.

Sofremos influência da globalização na dinâmica propomos a partir dos resultados da pesquisa, contribuir para melhores condições do patrimônio cultural no desenvolvimento de produção de flauta para o povo Galibi Marworno. Este trabalho vai servir para levar a comunidade e escola á refletir e discutir sobre o significado da expressão da arte e cultura da educação indígena e de modo que essa conversa não seja apenas utilizada em análise, sim como meio de educar nós indígenas a partir da nossa cultura Galibi Marworno.

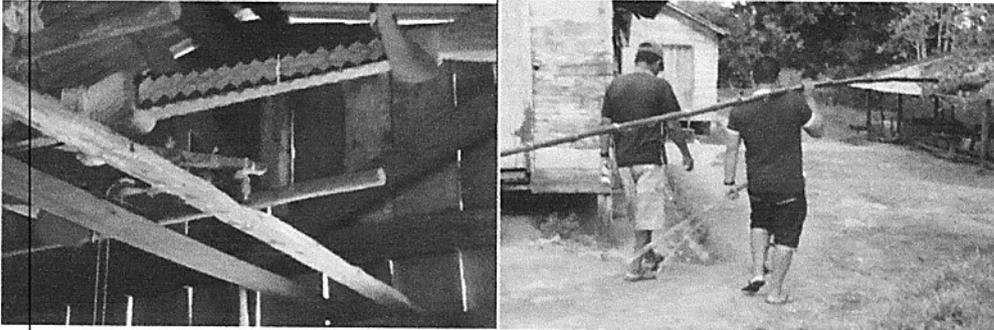
Nós Galibi Marworno tem uma pedagogia informal no ensino aprendizagem, acontece na observação, fazendo, pedindo ajuda até aprender, a partir do momento que aprender vai ensinar outras pessoas e não só a confecção do *siná* na dança o som e a imitação dos animais as regras de uma dança e respeitar os conhecimentos de cada um esse é nosso jeito de educação tradicional.

Referências

- LUCIANO, Gersem dos Santos – Baniwa. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje.** Brasília: MEC/SEDADI/UNESCO/LACED/ Museu Nacional, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues **O que é educação** – São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas,** MEC SEF, 1998.
- Plano de vida dos povos indígenas.** Pag. 02, ano 2004.
- Currículo de Ensino Fundamental nas escolas indígenas do Oiapoque,** 2003.
- GALLOIS, Dominique Tilkin (org.) **Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará.** – São Paulo IEPÉ, 2011.
- IEPÉ/ Museu Khahi. **TURÉ dos povos indígenas do Oiapoque.** Rio de Janeiro, São Paulo: Museu do Índio, IEPÉ, 2009.
- TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **Da civilização á tradição: os projetos de escola entre os índios do Uaçá** – In. SILVA, Aracy Lopes da e FERREIRA, Mariana Kawall Leal(Orgs.) **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola.** 2 Ed. São Paulo: Global, 2001
- VIDAL, Lux Boelitz. **Povos indígenas do Baixo Oiapoque: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver.** 2 ed. Rio de janeiro: Museu do Índio e Iepé, 2009.

ANEXOS:

Aprendendo sobre sinal, durante a realização da pesquisa de campo.



Tocadores de sinal na festa do turé na aldeia Kumarumã, no ano de 2004



Fonte: Acervo fotográfico museu Kuahí